
EDUCAÇÃO FÍSICA

Tiago Andries Cornelus Molenkamp Geluk

O processo de aposentadoria de atletas com
deficiência: uma revisão da literatura



Rio Claro
2016

Tiago Andries Cornelus Molenkamp Geluk

O processo de aposentadoria de atletas com deficiência:
uma revisão da literatura

Orientadora: Eliane Mauerberg de Castro

Co-orientadora: Gabriella Andreeta Figueiredo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de
bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2016

796.19 Geluk, Tiago Andries Cornelus Molenkamp
G321p O processo de aposentadoria de atletas com deficiência :
 uma revisão da literatura / Tiago Andries Cornelus
 Molenkamp Geluk. - Rio Claro, 2016
 30 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação
física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientadora: Eliane Mauerberg de Castro

Coorientadora: Gabriella Andreeta Figueiredo

1. Educação física. 2. Paralimpíadas. 3. Aposentadoria. 4.
Esporte adaptado. I. Título.

Dedico esta vitória a todos que fizeram parte deste ciclo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter colocado em meu caminho possibilidades para a realização deste trabalho de formação.

Agradeço muito a minha família que sempre me apoiou nas minhas decisões, nas escolhas que tomei, mesmo estando distante sempre estavam perto para o que eu precisasse. Amo vocês.

Um prazer muito grande em ter construído grandes amizades neste ciclo da minha vida, amigos que influenciaram em muito no meu caráter e na pessoa que sou hoje. Aos meus queridos amigos da Republica Ratueria Popeye, Caramujo, Cossaco e Angelika, passamos por muitas aventuras, momentos divertidos e engraçados. A um grande irmão de coração Denis Del Conte o grande Larvox, que sempre com o seu entusiasmado humor e animação sempre me fez sorrir e passar pelas dificuldades que encontrei de maneira mais fácil e divertida. A Maya como o próprio nome diz grande, grande de conhecimento, carinho, apoio e amor. A minha princesa Deca que sempre ao meu lado com o seu carinho e amor incontrolável, com sua energia positiva sempre me animando.

Ao PROEFA um programa de extensão de Educação Física Adaptada que pude participar, e ter um enorme aprendizado com todos que participam do projeto, cada sorriso destes alunos o quão gratificante foi isto.

A minha querida Professora Eliane que me orientou e abriu novos caminhos para minha formação profissional, a minha co-orientadora Gabi, as pessoas do meu laboratório, um enorme agradecimento por compartilhar um conhecimento muito rico e importante para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

E por fim um enorme agradecimento a UNESP e todos os meus professores que influenciaram, ensinaram e fizeram parte desta jornada.

**“Tenha foco em tudo que quer atingir e um sonho grande”
(Jorge Paulo Lemann)**

RESUMO

O esporte adaptado consiste em formas de manifestações esportivas para pessoas com diferentes tipos de deficiência. A partir de adaptações de regras, estruturas físicas e materiais, atletas com deficiência tiveram as primeiras oportunidades para a prática esportiva. A trajetória na carreira esportiva significa uma contribuição positiva à vida do deficiente, mas seu término representa uma importante mudança no estilo de vida e requer uma adaptação no âmbito social, físico, da saúde, e profissional desses indivíduos. O presente estudo analisou, através de uma revisão da literatura, o processo de transição de atletas Paralímpicos considerando o significado do alto rendimento, as conquistas sociais e institucionais, até a transição culminando com a aposentadoria. Esse tema é de grande relevância já que cresce o número de atletas Paralímpicos no Brasil e muitos são os desafios encontrados do período da entrada na elite esportiva até a transição para a aposentadoria. As causas comuns para o abandono da carreira atlética estão relacionadas ao avanço da idade, diminuição no rendimento, surgimento de lesões e, em menor incidência, a escolha do indivíduo. Segundo a literatura, poucos são os atletas que fazem um planejamento financeiro e se preparam para a interrupção da carreira atlética, o que pode acarretar perdas no convívio social e na estabilidade psicológica do indivíduo. Além disso, pouco se sabe a respeito de organizações esportivas que prestam apoio logístico, ou mesmo financeiro a atletas aposentados. A manutenção de sua qualidade de vida e saúde quase sempre é um desafio enfrentado solitariamente. Sendo assim, a discussão desse tema auxilia na divulgação e valorização da prática Paralímpica e ressalta a necessidade de que as instituições envolvidas com o esporte materializem estratégias efetivas ao processo de aposentadoria dos paratletas.

Palavras-chave: Paralimpíadas, esporte adaptado, alto rendimento, aposentadoria.

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVO	10
3. METODOLOGIA	11
4. REVISÃO DA LITERATURA	12
4.1. Esporte adaptado: Contexto histórico.	12
4.2. Contribuição do esporte para o deficiente	15
4.3. Esporte de alto rendimento: atleta Paralímpico	16
4.4. Perfil psicológico de atletas Paralímpicos	16
4.5. Olímpico X Paralímpico	18
4.6. Transição do atleta Paralímpico para aposentadoria	19
5.DISCUSSÃO	23
6.CONCLUSÃO	25
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1. Introdução

O esporte teve origem em meados do século 18 na Europa, em um cenário histórico de queda do Absolutismo Inglês e aprovação do Parlamento Britânico. Nesse contexto se estabeleceu a configuração do lazer e uma nova dinâmica de diversão no âmbito social. O termo “sporting” designava então atividades de diversão realizadas no campo, normalmente com o uso de animais, como corrida de cavalo, brigas de animais, pesca e caça (DE MELO, 2000). Com a expansão do esporte no século 19 o mesmo começou a ser ensinado nas escolas da Inglaterra e não ficou restrito apenas às competições. O esporte moderno foi resultado de uma mudança da cultura corporal do movimento com os jogos de rua praticados por classes populares e burguesas da Inglaterra (ESTEVES, 2014). A partir de um intercâmbio cultural o esporte começou a se uniformizar, estruturando principalmente as suas regras, possibilitando disputas esportivas em diferentes locais, proporcionando a sua popularização e a possibilidade de competições em nível internacional (MARQUES et al, 2009).

Com a evolução do esporte moderno, recente em termos históricos quando comparado ao esporte convencional, surgiu uma possibilidade de manifestação esportiva voltada para a pessoa com deficiência denominada esporte adaptado. O esporte adaptado consiste em formas de manifestações esportivas para pessoas com diferentes tipos de deficiência. Através de transformações de regras, estruturas e materiais foi possível adaptar a atividade física as condições necessárias e gerar melhor oportunidades a este público este público. Além de adaptações nos esportes convencionais também tivemos a criação de modalidades específicas para pessoas com deficiência como o goalball (modalidade esportiva específica para deficientes visuais) e a bocha Paralímpica (BENFICA, 2012; MARQUES et al, 2009).

Assim como em outros países, o surgimento do esporte adaptado e do Movimento Paralímpico recebeu fortes influências americanas e inglesas (BENFICA, 2012). O surgimento do esporte para pessoas com deficiência física no Brasil teve início em 1958 com o surgimento do clube de Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Aos poucos foram surgindo associações e federações interessadas em adaptar modalidades esportivas e prover toda a iniciativa política para o desenvolvimento do esporte para deficientes competitivo, como “Paralímpicos do futuro”; Clube Escolar Paralímpico; Paralimpíadas Escolares;

Circuito Loterias Caixa; Clínicas de Desporto Paralímpico; Academia Paralímpica Brasileira (BENFICA, 2012).

A adaptação no esporte inclui inovação tecnológica e diversificação da prática no treinamento de modo a atender a individualidade do atleta. No esporte, o atleta tem oportunidades de testar seus limites e de ter contato com novos movimentos e experiências que promovem autoconhecimento e aprimoramento de capacidades físicas gerais (BENFICA, 2012; MELO, 2002). O desempenho atlético permite não só superação física, como também a manutenção da independência, melhoria da saúde mental, e a inclusão do deficiente. Em muitos casos o esporte dá sentido para a vida do indivíduo com deficiência, integrando a identidade de atleta com deficiência. Frequentemente a identidade de indivíduo com deficiência é fragilizada pelo confronto com a imagem de “corpo perfeito” disseminada na sociedade como ideal de indivíduo (BRAZUNA & MAUBERG-DECASTRO, 2001). O profissional envolvido com o treinamento esportivo deve estar atento aos efeitos dessa imagem imposta pela sociedade. Inevitavelmente, boas experiências com a prática esportiva resultam em melhora da autoconfiança que, por sua vez, motivam o atleta a superar seus limites.

No esporte de alto rendimento o corpo do ser humano é levado ao máximo de sua capacidade nos aspectos fisiológicos e psicológicos. A alta carga de treinamento diário leva na maioria das vezes, o atleta ao estresse podendo até acarretar lesões traumáticas. Tais características tornam a atividade esportiva seletiva e o reduzido número de praticantes configura a elite atlética (BARROS, 1993). No esporte adaptado de alto rendimento os atletas também enfrentam grandes desafios na competição, e como, em geral, sua ascensão ao esporte de alto rendimento é rápida, mecanismos de compensação ao estresse e são pouco conhecidos. O reduzido número de competidores dificulta acompanhar o processo de adaptação do atleta deficiente à diversidade de demandas do mundo das competições, por sua vez distribuídas em um calendário bastante extenso entre um ciclo e outro (BRAZUNA & MAUERBERG-DECASTRO, 2001).

Assim como o processo de ascensão do atleta de elite é pouco estudado, o término da carreira esportiva representa um mistério. Assim como o esporte convencional, a transição no esporte para deficientes representa uma importante mudança no estilo de vida e requer uma adaptação no âmbito social e profissional. Atletas sem deficiência em geral deixam a carreira esportiva por causa do avanço da

idade, ou porque o surgimento de lesões levou a condições incapacitantes da performance atlética, ou em alguns casos a escolha do indivíduo por outra atividade profissional.

Marques e Samulski (2009), em sua pesquisa com esporte convencional, indicam alta participação familiar e alto nível de dependência financeira dos atletas aposentados. Ainda, Oliveira *et al.* 2003, revelaram que 100% das atletas do voleibol feminino da seleção brasileira não planejaram sua aposentadoria. Neste estudo, algumas atletas relataram intenção em estudar, outras em montar o próprio negócio, e 30% não fizeram nenhum tipo de investimento ou plano para o futuro (SANTOS, 2014). Este quadro é, em parte, resultado da idade jovem que se encontram as atletas nesta modalidade.

O aumento de atletas com deficiência em diferentes esportes ao redor do mundo sugere que a situação de engajamento, assim como a de afastamento são casos de igual importância que requerem atenção das instituições de esporte adaptado. Os conhecimentos desses processos, tanto em torno da entrada e ascensão na elite desportiva como da transição para a aposentadoria, poderiam auxiliar na proteção das necessidades do atleta e expansão de oportunidades em sintonia com os potenciais individuais. Portanto, o presente estudo analisou o processo de transição de atletas Paralímpicos de seu período de alto rendimento até a sua aposentadoria. Esse tema é de grande relevância já que, no Brasil, o número de atletas Paralímpicos não apenas aumenta nas 23 modalidades que o país participa, mas também as instituições enfrentam uma inevitável saída de atletas da geração que colocou o país entre os primeiros do mundo.

2. Objetivo

O presente estudo teve como objetivo, através de uma revisão da literatura, analisar o processo de transição de atletas Paralímpicos considerando o significado do alto rendimento, as conquistas sociais e institucionais, até a transição culminando com a aposentadoria.

3. Metodologia

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura a partir de pesquisa documental em livros, páginas da internet, websites e artigos acadêmicos, dando o enfoque para inserção do deficiente no esporte adaptado e a trajetória da carreira nos esportes Paralímpicos.

A pesquisa foi realizada em periódicos e artigos publicados a partir da década de 90 que abordam o tema nos seguintes aspectos: o contato do indivíduo deficiente com o esporte adaptado, a inserção em esportes de alto rendimento, responsabilidades e consequências do esporte adaptado na vida do cidadão com deficiência, a trajetória do esporte Paralímpico até a aposentadoria, adaptação depois do esporte competitivo, apoio interpessoal e institucional ao atleta. Para a busca também foram utilizados os seguintes termos em Inglês: *Transitions out of sport for athletes with disabilities, retirement for athletes with disabilities and career transitions for athletes with disabilities*.

Nesse contexto, elencamos quais são as principais influências que levam o atleta a escolher certa modalidade e como o incentivo familiar pode ser imprescindível no fortalecimento emocional que colabora para a entrada e saída do esporte. Consideramos também como a contribuição financeira, os desafios emocionais e impactos na condição física e de saúde tornam-se impasses na transição de carreira para a aposentadoria. Os dados poderão ser úteis para construção de um panorama no estabelecimento das carreiras Paralímpicas e o espaço que elas vêm alcançando ao longo do tempo.

4. Revisão da Literatura

4.1. Esporte adaptado: Contexto histórico

O primeiro registro de atividade física com pessoas deficientes foi em 1838 nos Estados Unidos com a inserção do esporte em escolas (BENFICA, 2012). Em 1907 em Baltimore há registro de competições entre deficientes visuais, mas a bibliografia existente aponta que os atletas surdos estão entre as primeiras pessoas deficientes a praticar o esporte (MAUERBERG-DECASTRO, 2011). Em 1871, em uma escola em Ohio nos Estados Unidos, os surdos já praticavam beisebol (WINNICK, 2004). Cinquenta e três anos depois, em 1924, em Paris (França) ocorreu a primeira competição internacional para pessoas com deficiência auditiva, chamada de “Jogos do Silêncio” Atletas de nove países europeus participaram e deram origem ao ICSD “International Committee of Silent Sports” que, atualmente, abrange 108 nações (SENATORE, 2006).

Em 1939, Hitler liderou o exército alemão no ataque contra a Polônia, que foi o estopim para o começo da segunda guerra mundial (MASSOM, 2010). Nesse contexto de guerra, marcado por grandes batalhas, muitos soldados foram mutilados ou sofreram severas lesões. Aqueles que sobreviveram retornaram ao seu país de origem com grandes sequelas (físicas e psicológicas). Hospitais de reabilitação foram criados para receber esses combatentes com lesões medulares, com traumatismo cerebral, surdos, com membros amputados, e cegos.

Na Inglaterra em 1944, o neurologista e neurocirurgião Ludwig Guttmann foi convidado pelo governo britânico para fundar um centro de reabilitação para lesionados medulares no hospital de Stoke Mandeville para homens e mulheres que retornaram da Segunda Guerra Mundial, com iniciativa de promover atividades de reabilitação (ARAÚJO, 1997; MAUERBERG-DECASTRO, 2011). Como forma de tratamento para estas pessoas, Ludwig insere o exercício neste processo de reabilitação, com o intuito de fortalecer os membros superiores e tronco. Os pacientes foram envolvidos na prática de esportes como o arco e flecha, basquete em cadeira de rodas, outras atividades de lazer (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2011). Em 1948, com provas de arco e flecha, Guttmann realizou o primeiro festival esportivo para os pacientes paralisados. Ele denominou o evento como “I Jogos Nacionais de Stoke Mandeville” Ex-soldados holandeses com lesão

medular vieram disputar a competição em Stoke Mandeville em 1952, dando um caráter internacional aos jogos, e, junto aos ingleses, fundaram a ISMGF “International Stoke Mandeville Games Federation” - Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, que serviu de base para os jogos Paralímpicos atuais (SENATORE, 2006).

Em 1960, os IX Jogos Internacionais de Stoke Mandeville foram integrados aos XVI Jogos Olímpicos de Roma, dando origem aos Jogos Paralímpicos. Esses jogos foram inicialmente denominados “Olimpíadas para Paraplégicos” dos quais participaram apenas cadeirantes. Posteriormente, em 1964, no Japão, já recebiam a denominação de “Paraolimpíadas” (BENFICA, 2012).

Os esportes praticados em cadeira de rodas, tanto nos EUA quanto na Inglaterra, resultaram na criação de centros de tratamento ao lesado medular em várias partes do mundo (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2011).

A guerra e suas consequências foram determinantes no surgimento do esporte adaptado, de modo que a atividade física adaptada se tornou um álibi para recuperação física e psicológica dos ex-combatentes.

Em 1976, os jogos foram realizados em Toronto, Canadá, com a introdução de novas modalidades e a participação de atletas com diferentes tipos de deficiências (ex., atletas com lesão medular, amputados, pessoas com deficiência visual e “Les Autres”). No mesmo ano, ocorreu o primeiro evento Paralímpico de inverno em Ornskoldsvik, Suécia, com a participação de atletas cegos e atletas com lesão medular que disputaram provas de ski alpino e ski cross-country (SENATORE, 2006).

Desde sua criação em 1960, os jogos Paralímpico sempre foram disputados no mesmo ano que as Olimpíadas. Entretanto, no ano de 1988 em Seoul, na Coreia do Sul, os jogos passaram também a ser realizados na cidade sede dos Jogos Olímpicos, usando as suas dependências com adaptações.

A primeira participação do Brasil nas Paralimpíadas foi em 1972 na cidade de Heidelberg na Alemanha, e não conseguiu nenhuma medalha.

O sucesso do desporto Paralímpico fez com que em 22 de setembro de 1989 em Dusseldorf, na Alemanha, fosse fundado o Comitê Paralímpico Internacional (IPC), a principal entidade mundial não governamental para o esporte de deficientes (MARQUES et al, 2009).

Em um acordo assinado em 2001 entre o Comitê Paralímpico Internacional e o Comitê Olímpico Internacional, as cidades que apresentaram sua candidatura para os Jogos Olímpicos de Verão e Inverno, foram requeridas a integrar em sua proposta a organização dos jogos Paralímpicos (IPC, [20--]). Com a criação do IPC, surgiu uma demanda mundial para a criação de entidades nacionais responsáveis por todos os esportes para deficientes, os *National Paralympic Committees* (NPCs) filiados ao IPC (MARQUES et al, 2009). Assim, os jogos Paralímpicos que surgiram no âmbito do processo de reabilitação com fins terapêuticos e sociais, tornaram-se o maior e o mais importante evento esportivo para pessoas com deficiência.

Competição justa num contexto global de diversidade de deficiências levou o IPC a implantar um modelo de classificação funcional dos atletas com deficiência para participar das competições. Segundo Mauerberg-deCastro (2011), o sistema de classificação apresenta três variáveis: gravidade da deficiência do atleta, habilidades relacionadas ao esporte e desempenho do atleta observado em competições anteriores. Os primeiros modelos de classificação foram baseados apenas em um laudo médico. O modelo médico que classificava os participantes de forma generalizada e por categorias de lesão ou disfunção, levou muito atletas de variados níveis funcionais competirem nas mesmas provas (MAUERBERG-DECASTRO, 2011). O modelo funcional deu credibilidade aos jogos frente ao nivelamento das capacidades físicas e de desempenho atlético dos competidores.

Atualmente, cinco categorias de deficiência para as competições são reconhecidas pelo IPC: paralisados cerebrais, deficientes visuais, cadeirantes, amputados e *les autres* (outros comprometimentos motores que não se encaixam nas categorias anteriores) (BENFICA, 2013). Dentro dessas categorias há uma subdivisão dos atletas em classes. Um exemplo é o atletismo que possui 20 tipos de classificação para as provas de corrida, já para as provas de campo possuem 26 tipos de classificação para os atletas (IPC, [20--]). O objetivo dessa gama de categorias é, principalmente garantir competições justas e legitimidade nos resultados, além de prevenir lesões (WINNICK, 2004).

4.2. Contribuição do esporte para o deficiente

Tendo em vista o esporte adaptado e seus benefícios, como a melhor aceitação da deficiência, inserção das pessoas com deficiência na sociedade, melhora da aptidão física, ganho de independência para a realização das atividades diárias e a reabilitação, as competições conquistaram o mundo, tanto com novos recrutas, como com um público curioso e atento à excelência atlética (BENFICA, 2012; MAUERBERG-DECASTRO, 2011).

O esporte está relacionado ao processo de reabilitação como uma importante ferramenta para evitar doenças secundárias comuns como atrofias, infecções, osteoporose, alterações ortopédicas significativas, entre outras (MAUERBERG-DECASTRO, 2011). A reabilitação é a principal essência do desporto adaptado para deficientes.

A prática do esporte por pessoas com deficiência abre oportunidades de inclusão na sociedade, melhora a interação com as pessoas ao seu redor, auxilia no processo de aceitação da deficiência, promove o ganho de independência e autoconfiança para a realização das atividades diárias, melhora o autoconceito e a autoestima, dentre outros benefícios (MAHL et al, 2014; MAUERBERG-DECASTRO, 2011). O indivíduo deficiente envolvido na prática esportiva adquire uma visão positiva de sua imagem corporal. Mudanças no corpo do paratleta, mudanças cognitivas relacionadas ao raciocínio lógico, tempo de reação e a coordenação motora, juntos possibilitam o reestabelecimento da autoestima e da harmonia do corpo e da mente (RIBEIRO, 2009 *apud* SOARES, 2011).

Em um estudo realizado por Mahl et al. (2014), atletas entrevistados declararam que a inserção no esporte forneceu maiores oportunidades para saírem com mais frequência de suas residências, minimizando a timidez em frequentar outros ambientes, como espaços de lazer e comércios, vivenciando a melhoria na convivência com outras pessoas. Além disso, os participantes puderam perceber a maneira diferenciada de como a sociedade “olha” os atletas com deficiência.

Nesse contexto, a inserção do deficiente no esporte pode também modificar positivamente a imagem que o indivíduo tem de si. A deficiência física, muitas vezes, leva à construção negativa da imagem corporal e, com isso, o estabelecimento de um autoconceito negativo que reforça sentimentos de inferioridade, baixa autoestima e valores preconceituosos. A prática regular de exercício físico pode apresentar

vantagens psicossociais, como o rompimento desse autoconceito e estabelecimento de uma melhor imagem corporal (CUBA, 2008).

4.3. Esporte adaptado de alto rendimento: atleta Paralímpico

O esporte de alto rendimento é citado na Lei Federal nº 9615/98 como “Esporte praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações” (BRASIL, 1998).

No esporte convencional de alto nível os aspectos fisiológicos e psicológicos são levados ao máximo. A alta carga de treinamento diário pode causar o estresse associado a lesões traumáticas. Tais características tornam essa atividade muito seletiva reduzindo o número de praticantes (BARROS, 1993).

Ao optar pelo contexto do alto rendimento, o atleta deficiente precisa percorrer um longo caminho de adequação ao treinamento que tem início na fase de reabilitação e treinamento técnico, até que esteja apto a participar de eventos competitivos. Das grandes conquistas até o término de sua carreira, essa jornada pode estar repleta de desafios relacionados a questões financeiras, más condições de treinamento e questões sociais como preconceito e acessibilidade (ROSADAS, 2000; TEODORO, 2006 *apud* BENFICA, 2012).

Alguns desafios encontrados pelos atletas Paralímpicos são similares aos enfrentados por outros atletas de alto rendimento, tais como a restrita oferta de oportunidades, dificuldade de acesso à alta tecnologia do esporte, visibilidade na mídia e patrocínio, lesões esportivas, valores éticos e doping, e a aposentadoria (MAUERBERG-DECASTRO et al, 2016). Quando falamos do espaço a ser conquistado por esses atletas, falamos também em fisiologia, medicina, fisioterapia, psicologia, sociologia, marketing e engenharias, que alicerçam a educação física no processo de preparação para uma competição, e que fornecem a principal base para que bons resultados sejam alcançados (ALMEIDA, 2014).

4.4. Perfil psicológico de atletas Paralímpicos

A inserção da pessoa com deficiência no esporte adaptado representa uma competição do atleta contra si, contra as limitações traçadas pela sociedade e contra

suas dificuldades motoras e fisiológicas. Quando inserido no esporte, o atleta vence barreiras, o que promove a melhoria de sua autoestima e imagem corporal e faz com que se sinta possibilitado a buscar seu desempenho máximo apesar de todos os desafios encontrados. Além disso, cria um senso de responsabilidade política e aprende a ajudar outros competidores a superar a deficiência e a baixa autoestima (BRAZUNA et al, 2001).

É importante que a autoestima e a motivação estejam altas até a competição, para que o relacionamento entre o atleta e a equipe de treinamento seja equilibrado (PALLA, 1997). A competição está associada à superação da deficiência e depende diretamente da motivação provocada pelo adversário ou requerimento da prova atlética. Além de competir contra si, o atleta compete também contra o conceito construído pelo não deficiente, essa batalha é mediada pela superação do que lhe é colocado como limite. E, talvez o resultado mais importante do esporte de alto rendimento para o atleta com deficiência seja a percepção da identidade de atleta ao invés da identidade de “pessoa deficiente” (BRAZUNA et al, 2001).

Um estudo realizado por Palla (1997) investigou as atitudes de deficientes físicos frente ao esporte e comparou com indivíduos não deficientes. Para ambos, a participação no esporte leva a percepção de que estar envolvido em equipe melhora o status social do indivíduo, e trata-se de um mecanismo de alívio das tensões. É, também, uma fonte de lazer, que valoriza o indivíduo, amplia a criatividade e melhora a imagem corporal. Entretanto, a autora demonstra que para atletas deficientes tais benefícios dependem do tempo de prática do esporte e do grau de escolaridade. O que sugere que o envolvimento com o esporte a longo prazo permite o reconhecimento cognitivo desses benefícios e diminui as preocupações decorrentes das sequelas da deficiência física.

Benfica (2012) salienta que os benefícios trazidos pelo esporte, tais como aumento da autoestima, do autoconceito, independência para realizar atividades cotidianas, saúde e construção de novas interações sociais, reconstrói a autonomia do indivíduo diante da sua própria vida e favorecem sua aceitação pessoal, o que possibilita alterar positivamente a avaliação feita sobre si mesmo. Além disso, os atletas que chegam à categoria de esporte de elite percebem dimensões políticas, financeira e de status pessoal que abrem caminhos para ascensão socioeconômica e para o alcance de uma liderança de repercussão nacional e internacional (BRAZUNA et al, 2001).

4.5. Olímpico x Paralímpico

A palavra “Paralímpico” deriva da preposição grega “para” que significa ao lado, paralelo ao evento “Olímpico”. Como descrito acima, os primeiros jogos foram no mesmo ano das Olimpíadas e no mesmo local. Com a inclusão de outros grupos de deficientes e união de das associações ao movimento Olímpico mostraram que os dois movimentos existem lado a lado (SENATORE, 2006, CONDE et al., 2006 apud BENFICA, 2012).

A cada ciclo Olímpico e Paralímpico, o mundo se depara com grandes surpresas e novidades como quebras de recordes, novas modalidades em disputa, a espetacularização nas transmissões e marcas a serem divulgadas. Durante os eventos, o esporte assume o papel de mercadoria no mundo capitalista, que estimula o giro de capital e obtenção de lucros (MARQUES et al, 2009).

O trabalho conjunto entre os Comitês Olímpico e Paralímpico Internacional, responsável pela organização e realização dos jogos de verão e de inverno, tem promovido eventos de grande sucesso. E os meios de comunicação, essenciais na divulgação e transmissão dos jogos, têm contribuído para a espetacularização do esporte e expansão dos conceitos que o espírito Olímpico e Paralímpico carregam (MARQUES et al, 2009).

Nas Olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016, houve a disputa de 42 modalidades esportivas: Atletismo, Badminton, Basquete, Boxe, Canoagem Slalon, Canoagem de velocidade, Ciclismo BMX, Ciclismo de estrada, Ciclismo Mountain bike, Ciclismo de pista, Esgrima, Futebol, Ginástica artística, Ginástica de trampolim, Ginástica rítmica, Golfe, Handebol, Hipismo saltos, Hipismo CCE (curso completo de equitação), Hipismo de adestramento, Hóquei sobre a grama, Judô, Levantamento de peso, Luta estilo livre, Luta greco-romana, Maratonas aquáticas, Nado sincronizado, Natação, Pentatlo moderno, Polo aquático, Remo, Rúgbi, Saltos ornamentais, Taekwondo, Tênis, Tênis de mesa, Tiro com arco, Tiro esportivo, Triatlo, Vela, Vôlei, Vôlei de praia (COI, [20--]).

Já nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro de 2016, 23 modalidades esportivas foram disputadas: Atletismo, Basquete em cadeira de rodas, Bocha, Canoagem, Ciclismo de estrada, Ciclismo de pista, Esgrima em cadeira de rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Rúgbi em

cadeira de rodas, Tênis de mesa, Tênis em cadeira de rodas, Tiro com arco, Tiro esportivo, Triatlo, Vela, Vôlei sentado (IPC, [201-]).

As competições e modalidades possuem similaridades e diferença entre si, e possuem características próprias que as tornam únicas. As Olimpíadas estão em um processo de preservação dos seus ideais, que estão sendo esquecidos pelo modelo esporte-espetáculo, vitória a qualquer custo, e arrecadação exacerbada de lucro. Já as Paralimpíadas, que surgiram com o propósito de reabilitação e inclusão, atualmente integram a preocupação de aumentar a divulgação e aceitação do evento na mídia e na sociedade esportiva, o que possibilitaria maior geração de recursos financeiros direcionados a ampliar sua identidade na sociedade atual (MARQUES et al, 2009).

Pierre de Coubertin, pedagogo Francês, reiniciou os jogos Olímpicos da idade moderna e buscou conhecimento para utilizar o esporte como forma de união e paz entre os povos em forma de uma disputa esportiva. O Olimpismo se tornou uma filosofia que exalta as qualidades do corpo, espírito e mente através da prática esportiva, com o objetivo de promover uma sociedade de paz e preservação dos direitos e dignidade humana (COI, [20--]). Para Coubertin a filosofia do Olimpismo, que está presente tanto no esporte Olímpico quanto no Paralímpico, é o desejo de superação presente no esporte, que motiva o atleta a ser mais poderoso e lutar pelos seus ideais (Landry, 1995).

4.6. Transição do atleta Paralímpico para a aposentadoria

A transição da carreira esportiva, tanto para o atleta Olímpico quanto para o Paralímpico representa uma importante mudança no estilo de vida que resulta em trocas nas suposições sobre si mesmo e o mundo e, portanto, requer um ajuste dos relacionamentos e comportamentos próprios (WYLLEMAN, 1999). Cada estágio da vida do atleta, seja durante a carreira esportiva ou após ela, carrega exigências específicas que alteram as esferas da vida ocupacional, financeira, social e psicológica (BRANDÃO, 2000).

Os psicólogos do esporte podem ajudar no processo de transição para o término da carreira, porque participam do planejamento e ajustamento da carreira pós-atlética. Existem fatores de adaptação decisivos nesse processo, como

autoidentidade, experiências de desenvolvimento, percepções de controle, identificação social, recursos disponíveis e participação de terceiros. Muitos atletas, deficientes e não deficientes, negligenciam a importância desta preparação e deixam de pensar em formas de investimento e desligamento dentro e fora da área esportiva (BRANDÃO, 2000). Quando há planejamento a transição se dá de maneira saudável, mas o rompimento repentino das atividades esportivas pode significar problemas psicológicos e ocupacionais. Esse processo de transição para aposentadoria, quando ocorre de forma indesejada, gera efeitos negativos, como sentimentos de raiva, aflição, inutilidade e tristeza que chegam a levar o atleta passar por depressão, ganho significativo de peso ou anorexia.

Os impactos gerados na vida dos atletas com deficiência ainda são pouco esclarecidos, mas é possível prever uma intensa modificação de sua rotina física e emocional, devido à interrupção dos treinos diários, e um declínio em sua condição social e relacional pelo afastamento do grupo em que estava inserido e das competições esportivas (BRAZUNA & MAUBERG-DECASTRO, 2001). Poucos atletas estão preparados para se afastar das grandes competições, das horas de treinamento, da vida de atleta de alta performance e voltar a se reconhecer apenas como um indivíduo que pratica esporte por lazer, ou até mesmo não pratica mais atividade física. A aposentadoria pode significar o rompimento com aquilo que pode se dizer mais valioso para o atleta: o mérito e a notoriedade esportiva.

O término da carreira não necessariamente deve ser caracterizado como algo negativo que provoca stress e perda de qualidade de vida dos atletas com deficiência. Muitas vezes o afastamento das competições pode trazer um sentimento de “missão cumprida” e de mérito pessoal, acompanhado pela oportunidade de descanso e de se ocupar em outras atividades. A qualidade da adaptação para transição de carreira depende do passo anterior ao processo de retirada do esporte, de modo que o planejamento para transição na carreira esportiva pode incluir continuidade de educação, atividade ocupacional, investimentos e trabalho social. Porém, é preciso ressaltar que estressores financeiros, sociais, psicológicos ou físicos podem aparecer e gerarem um novo desafio a ser vencido pelo atleta (BRANDÃO, 2000).

Uma pesquisa realizada por Stambulova (1997a) revelou que, após o término da carreira esportiva, 82% dos atletas (sem deficiência) buscam uma nova atividade relacionada ao esporte, e mesmo quando não se efetivam profissionais, procuram

manter-se em contato com técnicos (37%) e com outros ex-atletas (68%). Atletas que optam em dar continuidade a estudos profissionais em outras áreas relatam dificuldades no exercício das novas atividades, como fadiga psicológica, falta de conceitos da educação básica e ausência de hábito de concentração em trabalho intelectual (STAMBULOVA, 1997a). Isso acontece geralmente porque os atletas quando engajados ao esporte competitivo acabam se dedicando mais aos treinamentos do que a formação escolar, e ao término dessa carreira é possível que encontre dificuldades em retornar a atividades intelectuais (LANCENET, 2012 apud MAUBERG-DECASTRO et al, 2016).

Pouco se pode encontrar na literatura quanto a estratégias e aconselhamentos que podem ser utilizados durante a transição da carreira esportiva de atletas com deficiência. Alguns autores consideram as terapias tradicionais como possíveis métodos de intervenção que auxiliam no ajustamento de atletas nesse período transitório, incluindo terapias tradicionais para eliminação do stress, reestruturação cognitiva e expressão emocional. Os atletas devem alterar suas percepções e estabelecer sua identidade própria e social, de modo que sejam capazes de reestruturar cognitivamente seus ideais e garantir cuidados com a saúde. O suporte familiar, de amigos e o envolvimento com associações esportivas e outros atletas podem facilitar essa transição (BRANDÃO, 2000).

O suporte social e um planejamento pré-aposentadoria para preparar atletas a administrar a transição de carreira tem apresentado resultados positivos. Muitos programas para atletas do esporte convencional, que incluem workshops, seminários, módulos educacionais e aconselhamento individual, têm sido iniciados nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Austrália. Esses programas estão direcionados a aspectos sociais; aspectos de autoimagem, autoestima e participação em atividades de lazer; aspectos relacionados a habilidades pessoais como educação e planejamento financeiro; aspectos necessários para procurar emprego; e aspectos físicos e psicológicos da aposentadoria esportiva. Entre eles estão: Athlete Career and Education Program (Austrália); British Athlete Lifestyle Assessment Needs in Career and Education (BALANCE) Program (Inglaterra); Career Assistance Program for Athletes (EUA); Olympic Athlete Career (Canadá) (BRANDÃO, 2000).

Uma vez que, atletas com deficiência conseguem uma maior longevidade no esporte e participam, na maioria das vezes, de mais de uma Paralímpiada durante

sua carreira, é de suma importância que haja programas de acompanhamento médico, psicológico e social desses atletas após sua retirada do esporte. O judoca Antônio Tenório que já participou de 6 Paralímpiadas conquistou medalhas em todas suas competições, incluindo a medalha de ouro conquistada no Rio de Janeiro em 2016; a velocista Adria dos Santos é outro exemplo de atleta veterana que competiu em cinco Paralímpiadas. Para reduzir os impactos na transição dos atletas, em abril de 2015, o ministério do esporte reativou a Comissão Nacional de Atletas (CNA) e a vice-presidente da Comissão, Hortência, ressaltou as preocupações que os Comitês Olímpico, Paralímpico e o Ministério do Esporte precisam ter em relação aos atletas que se encontram nesta transição de carreira (BRASIL, 2015).

No Brasil não existe nenhum programa oficial que oriente ou ajude atletas a se organizar para aposentadoria e não encontramos programas voltados para atletas com deficiência que encerraram a carreira esportiva. O aumento de atletas com deficiência em diferentes esportes ao redor do mundo sugere que a situação de engajamento, assim como a de afastamento são casos de igual importância que requerem atenção das instituições de esporte adaptado e que o melhor conhecimento desses processos pode auxiliar na valorização do atleta e do esporte competitivo.

5. Discussão

O Brasil, conhecido como “país do futebol”, possui atualmente uma gama de atletas em diferentes modalidades esportivas que são referências no mundo e motivo de orgulho para nação. O evento Olímpico e Paralímpico, sediado pelo Brasil no ano de 2016, trouxe a divulgação do esporte e a valorização do espírito esportivo em seu sentido mais genuíno de entrega pessoal, perseverança e respeito. A Paralímpiada, apesar de ainda encontrar pouco espaço nos meios midiáticos, tem crescido e despertado, cada vez mais, o interesse dos telespectadores.

As conquistas alcançadas pelos atletas Paralímpicos demonstram uma vitória que vai além da posse de medalhas, representa uma trajetória de superação que rompe com o preconceito e as limitações instauradas pela sociedade. O deficiente envolvido no contexto esportivo adquire nova percepção de si e do mundo, o que fortalece sua autoestima e o torna capaz de lutar por seus objetivos, podendo ainda prestar ajuda para que outros competidores superem desafios. A validação do conceito de diversidade condiz com a necessidade de reconhecer a capacidade do deficiente em tornar-se um atleta de alto rendimento, rompendo com o ideal de “corpo perfeito” e dando espaço ao “corpo em movimento” que se transforma durante o processo de reabilitação corporal e o desenvolvimento das habilidades motoras em sua modalidade. Isso significa aceitar as diferenças que existem, não apenas entre os atletas deficientes e não-deficientes, como também entre gênero, entre modalidades, entre a nacionalidade e a faixa etária do atleta, seja no esporte Olímpico ou Paralímpico.

A discussão de temas como esse é de suma importância e permeia questões do âmbito esportivo, social, político-econômico e ético. O âmbito esportivo porque o deficiente tem buscado espaço nos eventos de competição mundial; o contexto social porque o cidadão deficiente que está inserido na sociedade deve ser tratado de forma igualitária e encontrar meios pertinentes de inclusão nas escolas, nas ruas, no mercado de trabalho e na comunidade de modo geral; o âmbito político-econômico porque instituições, comitês e agências financiadoras devem prover suporte ao paratleta e reconhece-lo politicamente; e da ética porque a divulgação do

evento Paralímpico e a discussão do tema incitam o respeito e quebram o preconceito.

Porém, a prática esportiva adaptada e as modalidades da Paralímpiada só ganham visibilidade durante grandes eventos competitivos, e ficam esquecidos após o término da transmissão nos meios de comunicação. Centros de treinamento esportivo para deficientes e programas de inclusão no esporte não são bem divulgados nas cidades e limitam a “abertura” de portas para que outros deficientes se identifiquem com o esporte. Nesse contexto, os atletas Paralímpicos, assim como alguns atletas, só recebem notoriedade enquanto estão participando das atividades esportivas e ao chegarem ao fim de suas carreiras deixam de receber todo apoio financeiro e retorno que merecem.

O atleta bem informado que pretende manter sua qualidade de vida após a aposentadoria deve administrar seus investimentos monetários a fim de garantir uma segurança financeira quando não estiver mais envolvido em competições. Além disso, a adaptação para transição de carreira depende do passo anterior ao processo de aposentadoria, de modo a incluir continuidade do envolvimento atlético em atividades de lazer, retorno a atividades educacionais, meio ocupacional, investimentos e trabalho social que possam minimizar estressores sociais e psicológicos. O apoio familiar e de amigos também se mostra fundamental a reestruturação emocional desses atletas que venham a se afastar da prática esportiva.

6. Conclusão

Os resultados obtidos nessa revisão demonstram que:

- A prática do esporte adaptado pode trazer inúmeros benefícios ao indivíduo com deficiência, como condicionamento físico, melhoria da autoestima, mudança da perspectiva de si e do mundo e interação social.
- A manutenção de sua qualidade de vida e saúde quase sempre é um desafio enfrentado solitariamente. Portanto, o término da carreira do esporte adaptado de alto rendimento pode representar uma importante mudança do estilo de vida do paratleta e requer adaptação no âmbito físico, financeiro, social e psicológico.
- O suporte social e o planejamento pré-aposentadoria que apresentem opções de atividades para continuidade esportiva ou no mercado de trabalho poderiam tornar a transição mais saudável e minimizar os problemas psicológicos e ocupacionais relacionados ao rompimento da carreira de atleta.
- O Brasil não possui programa oficial que oriente paratletas durante a transição para a aposentadoria. Programas que ofereçam módulos educacionais, acompanhamento médico e psicológico e aconselhamento individual poderiam ser aplicados no Brasil.
- O apoio familiar, de amigos e o envolvimento com atividades relacionadas ao esporte também se mostram fundamentais na reestruturação emocional desses atletas que venham a se afastar da prática esportiva.
- A transição para aposentadoria depende de investimentos e da superação individual do atleta, mas com igual importância de investimentos das instituições envolvidas com o esporte de forma a materializar estratégias mais efetivas ao processo de saída do esporte de elite.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. J. G. de et al. Esporte paralímpico: simbiose entre ciência e tecnologia? **ComCiência**, n. 157, p. 0-0, 2014.

BARROS, J.M.C. (1993). **Recursos humanos no esporte de alto nível**. In: Anais: *Simpósio esporte: dimensões sociológicas e políticas*. (p.143-5), E.F.E. USP, Departamento de Esportes.

BENFICA, Dallila Tâmara et al. **Esporte paralímpico**: analisando suas contribuições nas (re) significações do atleta com deficiência. 2012.

BRANDÃO, M. R. F., Akel, M. C., do Amaral Andrade, S., Guiselini, M. A. N., de Andrade Martini, L., & Nastás, M. A. (2000). Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília** v, 8(1), 49-58.

BRASIL, **Ministério da Educação e Cultura**. Secretaria de Educação Física e Desportos. (1994). *Educação física e desportos*: administração.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**, com alterações da Lei nº 9.981/00, da Lei nº 10.654/01 e da Lei nº 10.672/03. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://www.fnf.org.br/arquivos/lei9615.pdf>. Acesso: 15 ago. 2016.

BRASIL. **Logo após tomar posse**, Comissão Nacional de Atletas promove primeira reunião. 2015. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/logo-apos-tomar-posse-comissao-nacional-de-atletas-promove-primeira-reuniao>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, Eliane. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Motriz**, v. 7, n. 2, p. 115-123, 2001.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Dr Ludwig Guttman**. United Kingdom, 2011. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/games/ludwig-guttman>. Acesso em: 15 ago. 2016.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS PARAPANAMERICANOS. **Cartilha para professores**: Jogos Parapanamericanos 2007, Rio de Janeiro, 2007.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Competições e Eventos**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/web/guest/calendario-de-eventos>. Acesso em: 15 ago. 2016.

CUBA, B. W. Imagem corporal de pessoas com deficiência física: atletas e não atletas. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Educação Física, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, 2008.

DA COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e

perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, 2004.

DE ARAUJO, P. F., **Desporto adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidade. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp – Tese de Doutorado, 1997.

DE MELO, V. A. **Cidade esportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000.

ESTEVES, B.B. **A trajetória do esporte moderno**: dos primórdios ao fenômeno social. EFdesportes. Revista Digital. Buenos Aires, ano 19, n. 199, 2014.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMITEE. **Sports**. Disponível em: <https://www.olympic.org/sports>. Acesso em 17 ago. 2016.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITEE. **Athletics Record** Disponível em: <https://www.paralympic.org/athletics/records>. Acesso em 15 ago. 2016

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITEE. **IPC Historical Results Archive**. 201-. Disponível em: <https://www.paralympic.org/results/historical>. Acesso em 15 ago. 2016

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITEE. **The IPC - Who we are**. 20--. Disponível em: <https://www.paralympic.org/the-ipc/history-of-the-movement>. Acesso em 15 ago. 2016.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITEE. **Winter Olympic Games**: for the disable. Disponível em: <https://www.paralympic.org/ornskoldsvik-1976>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ISTOÉ. O show dos Paralímpicos. **ISTOÉ (versão digital)**, Ed. 2442, set. 2016. Disponível em: <http://istoe.com.br/o-show-dos-paralimpicos>. Acesso em 20 set. 2016.

LANDRY, F. **Paralympic games and social integration**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 1995. Disponível em: http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp041_eng.pdf. Acesso em: 17 ago. 2016.

MAHL, E.; BRUNIERA, C.; COSTA, L. Contribuições do esporte adaptado para a inserção social a das pessoas com deficiência. **efdeportes.com**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 19, n. 194, 2014.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e

especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, v. 4, p. 365-77, 2009.

MAUERBERG-deCASTRO, E. & CASTRO, R.M. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2011.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 22, n. 3, p. 111-123, 2016.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O esporte adaptado. **efdeportes.com**, Revista Digital, v. 8, p. 51, 2002.

OLIVEIRA, R.; POLIDORO, D.J.; SIMÕES, A.C. **Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres atletas de voleibol**. In: SIMÕES, A.C. (org). *Mulher & Esporte*. Barueri: Manole. 2003. p.177-191.

PALLA, A.C. **Atitudes em relação ao esporte: estudo comparativo entre atletas portadores de deficiências físicas e atletas não portadores de deficiências**. 1997. 46p. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 1997.

RIO. **Paralímpiada quadro de medalhas**. Disponível em: <https://www.rio2016.com/paralimpiadas/quadro-de-medalhas-paises>. Acesso em: 19 set. 2016.

SANTOS, R.M.P. dos; CARVALHO, A.B.F. de; RIBEIRO, M.A.; *Carreira no esporte: da iniciação à aposentadoria*. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, vol. 13, n. 3, p. 57-64, 2014.

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A.J.M.; SOUZA SOBRINHO, P.A.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de Educação Física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

SINCLAIR, D. & ORLICK, T. Positive transitions from high performance sport. **The Sport Psychologist**, n. 7, p. 138-50, 1993.

SOARES, V. L.; BLASCOVI-ASSIS, S. M. **A atividade esportiva e sua influência na imagem corporal do adolescente com deficiência física**: um estudo de dois casos. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 11, n. 1, p. 78-88, 2011.

STAMBULOVA, N. Transitional Period of Russian Athletes Following Sports Career Termination. **Anais do 9º Congresso Mundial de Psicologia do Esporte**. Israel, 1997, 2: 658-660.

SUA PESQUISA. **Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)**. Site, 20---. Disponível brandem: <http://www.suapesquisa.com/segundaguerra/>. Acesso em: 15 ago. 2016.

WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri: Manole, 2004. p.37-52.

WYLLEMAN, P. **The relevance of non-atletic in the development of the athletic career**. Proceedings do 10º Congresso Europeu de Psicologia do Esporte. Praga, 1999, 2: 304-306